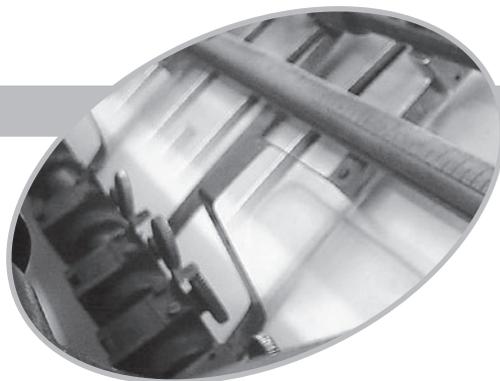


Padrão de qualidade e critérios de noticiabilidade: explicações normativas e efeitos das notícias*



Emerson Urizzi Cervi

*Doutor em Ciência Política (IUPERJ)
Professor do Departamento de Comunicação (UEPG)
E-mail: ecervi@brturbo.com.br*

Resumo: A (im)possibilidade de encontrar uma explicação suficientemente aceitável para os padrões de produção das notícias sem atentar para aquilo que o público faz com elas. O texto discute as insuficiências dos trabalhos sobre rotinas produtivas, referenciais noticiosos e formação do jornalista para dar as respostas desejadas, apresentando como alternativa a preocupação em teorizar o público, não apenas a produção noticiosa. A primeira parte aborda os fatores que interferem na produção da notícia, e a segunda, a necessária discussão sobre os padrões de consumo como preditores dos padrões de produção das notícias.

Palavras-chave: notícias, qualidade, público.

Patrón de calidad y criterios de noticiabilidad: explicaciones normativas y efectos de las noticias

Resumen: La (im)posibilidad de encontrar una explicación suficientemente aceptable para los patrones de producción de las noticias sin atentar para aquello que el público hace con ellas. El texto discute las insuficiencias de los trabajos sobre rutinas productivas, referenciales noticiosos y formación del periodista para dar las respuestas deseadas, presentando como alternativa la preocupación en teorizar el público, no sólo la producción noticiosa. La primera parte abarca los factores que interfieren en la producción de la noticia, y la segunda, la necesaria discusión sobre los patrones de consumo como preditores de los patrones de producción de las noticias.

Palabras clave: noticias, calidad, público.

Quality standard and criterium to news production: normative explanations and news effects

Abstract: The (im)possibility to find an acceptable explanation for the current standards of news production without attempting for what the public makes with them. The text shows the works' insufficiencies on productive routines, source news reports and journalist's background and capability to give the expected answers, presenting as alternative a worry in theorizing the public, and not only the news production. The text is divided into two parts. The first one discusses about the reasons which interfere in news production. The second one refers to the need of a discussion about the consumption standards as predictors of news production standards.

Key words: news, quality, public.

● O que faz um fato virar notícia para quem a produz?

No que diz respeito a um dos eixos de análise da notícia, o da mensagem, um dos debates mais antigos trata da origem dos fatos retratados pelos jornalistas e divide-se em duas grandes correntes: a realista e a anti-realista. Autores da corrente anti-realista consideram que não existem fatos sociais que não tenham sido interpretados pelo ser humano e que, sendo assim, todo tipo de conhecimento sobre o mundo, inclusive gerado pelas notícias, é resultado de uma construção humana. Isso sugere que as notícias não são produzidas a partir de uma realidade bruta preexistente, mas construídas para apoiar uma idéia que não necessariamente está ancorada na realidade (Novak, 1970). Já a visão realista diz que as notícias surgem de uma realidade bruta existente, apesar das vontades do homem. Isso não significa uma desconsideração do impacto da construção humana a partir da percepção jornalística, mas que as notícias estão baseadas em uma realidade que por

* Versão preliminar deste texto foi apresentada no IX Seminário de Inverno de Estudos de Comunicação, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, em julho de 2006.

sua vez é construída socialmente (Gauthier, 2005:51). Ou seja, a corrente realista aceita a dupla natureza das notícias, baseadas na realidade e construídas socialmente, ao mesmo tempo em que desconsidera a idéia de que as notícias são incapazes de fazer uma conexão com a realidade tal como ela é.

Nesse sentido, para os realistas, as notícias partem de uma realidade preexistente para em seguida encontrar uma realidade construída socialmente, visto que não são capazes de se auto-referenciar; precisam de alguém, no caso o jornalista, para identificar que naquele fato social há algum critério de representação. Essa representação não se dá unidirecionalmente; trata-se de uma negociação ou troca entre notícia e realidade (Gauthier, 2005:53). Por exemplo, a notícia de que determinado jogador de futebol irá participar da Copa do Mundo depende da existência do atleta e da ocorrência dos jogos. Ou seja, há uma negociação explícita entre o fato bruto e a identificação da sua importância para os critérios de representação social.

Considerando que a notícia surge a partir de uma negociação declarada com a realidade tal como ela é, pode-se afirmar que o noticiário nunca será deslocado do mundo real, pelo contrário, ele estará ligado aos acontecimentos como forma de representação. Além disso, a relação entre elas nunca será neutra, podendo-se identificar as intencionalidades a partir da exposição de determinados elementos do acontecimento, selecionados não ao acaso, mas como resultado dessa negociação permanente e declarada, que começa com a existência da realidade bruta e cria uma subordinação das notícias a pelo menos alguns aspectos da realidade. Para Gauthier (2005), os aspectos dos acontecimentos sociais que serão selecionados dependem dos atributos próprios dessa realidade. Em outras palavras, a visão realista defende que notícia é uma construção humana que necessariamente emerge de uma realidade anterior a ela, embora os fatos sociais também sejam, na maioria das vezes, resultado de construções de outros homens.

No caso dos noticiários contemporâneos,

o que tende a predominar, principalmente em notícias sobre temas como política, economia e esportes, são as representações sociais construídas pelo homem; já as notícias produzidas a partir de fatos de uma realidade bruta, sem interferência do ser humano, tais como catástrofes naturais, tendem a ser minoritárias nos noticiários em termos quantitativos, embora algumas vezes ganhem significativo destaque. Apesar da predominância de fatos socialmente construídos nos noticiários, a corrente realista diz ser possível argumentar que há influência de uma realidade bruta na construção da notícia, pois esta é o ponto de partida para a construção social (Gauthier, 2005:58). Partindo desse pressuposto, cria-se uma divisão específica entre os objetivos das pesquisas sobre noticiabilidade, pois deixa de discutir se as notícias possuem conexão com a realidade ou se são construção humana desconectada do mundo real, para identificar se o trabalho jornalístico parte de uma realidade bruta ou de uma realidade construída socialmente¹.

A definição para noticiabilidade utilizada aqui é a de que se trata de um conjunto de elementos identificados como pertencentes aos

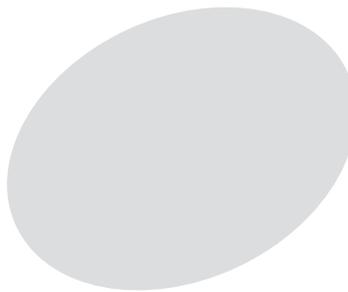
¹ Nesse sentido, Gauthier aplicou, em um estudo empírico sobre a primeira página do *New York Times*, oito categorias de fatos sociais. São eles: *Fenômenos naturais*, como o fato de existir neve sobre o topo do monte Everest, que é uma realidade externa à construção humana, um fato bruto e não institucional. *Fatos biológicos*, definidos como uma aproximação dos fenômenos naturais da realidade psicológica ou neurológica dos homens, tal como a morte de uma celebridade. *Fatos mentais não intencionais* são ocorrências de origem humana, porém, não demonstram ter intencionalidade de se transformar em notícia relacionada ao fato bruto, por exemplo, um assalto a banco. *Acidentes humanos* são catástrofes não naturais, causadas intencionalmente pelo comportamento humano, tal como um acidente aéreo por erro humano. *Ações seletivas* dos homens, mas que não têm a finalidade inicial de se transformar em notícia, tal como um gol marcado em um jogo de futebol. *Comportamentos contínuos* são fatos sobre os quais há uma expectativa de que ocorram em determinado momento. *Tendências, disposições e propensões naturais* não são relatos de ações únicas e persistentes, mas ações de poder relacionadas à formação ou decisões de qualquer tipo de instituição. *Manifestações verbais*: como muitas vezes os atos da fala são mais importantes que as performances propriamente ditas, as declarações públicas e não os fatos sociais podem tornar-se foco da atenção do noticiário.

fatos sociais, por meio dos quais os jornalistas controlam o tipo e a quantidade de acontecimentos sociais que servirão de base para a produção das notícias; assim, valor-notícia passa a ser um componente da noticiabilidade (Wolf, 2003:202).

Pesquisa feita por Gauthier (2005) sobre a primeira página do *New York Times* permitiu ao autor chegar a três conclusões sobre a relação entre as notícias e os fatos reais brutos ou socialmente construídos. A primeira é que a maior parte das notícias realmente trata de fatos gerados pelo ser humano, porém, nem sempre sobre as ações individuais do homem, mas a respeito da comunidade sobre a qual os homens se organizam. A segunda conclusão é que a maioria das notícias tem relação com algum tipo de manifestação verbal, relacionando-se diretamente com declarações dos atores sociais envolvidos e as reações que essas manifestações produzem. Por fim, o trabalho mostra que as notícias são construções majoritariamente interativas, sendo possível identificar uma relação contínua entre a informação jornalística e a realidade que lhe deu origem (2005).

A partir dessas conclusões, o autor afirma que as notícias surgem de construções sociais que partem de uma realidade bruta. O problema das conclusões de Gauthier (2005) é que, ao dar atenção à relação entre os fatos sociais, brutos ou construídos, e os critérios usados pelos jornalistas para a produção das notícias, deixa em segundo plano um ator importante desse processo: o público. Ao mesmo tempo em que colabora para a produção de determinada realidade social, esse público apresenta preferências por um tipo específico de notícias, fazendo com que os atos intencionais dos homens que criam fatos sociais não tenham como última finalidade a transformação em notícia, mas que o noticiário produzido possa interferir em favor da visão de mundo dos responsáveis pela construção social da realidade no público. Para isso, também é preciso considerar a autonomia que o

consumidor das notícias tem para selecioná-las e interpretá-las, criando a sua própria construção da realidade a partir dos fatos brutos transformados em notícias anteriormente.



A dimensão narrativa da notícia conforma certa interpretação do real, embora influenciada por posições políticas, econômicas ou do Estado

Vencida, ou quase, a etapa de discussão sobre a possibilidade de as notícias representarem aspectos da realidade concreta, as pesquisas na área de noticiabilidade passaram a se preocupar de maneira mais sistematizada com os elementos dos fatos sociais que são objeto de interesse dos jornalistas, pois têm relação direta com os valores compartilhados entre os profissionais que selecionam e transformam aspectos de fatos da realidade em notícias. Um dos pioneiros nesta área foi o estudo sobre a cobertura que jornais noruegueses faziam sobre crises políticas em três países do Terceiro Mundo em 1963, produzido por Johan Galtung e Mari Ruge. Os resultados foram publicados em forma de artigo intitulado *The structure of foreign news* no *Journal of International Peace Research* em 1965. Esta foi uma das primeiras pesquisas acadêmicas a analisar a noticiabilidade a partir de uma abordagem empírica para a definição dos valores informativos das notícias. Os autores apresentam uma tipologia das notícias formada por 12 fatores que teriam condições de explicar a produção dos jornalistas em determinado período. O que move os pesquisadores é saber por que alguns eventos conseguem se transformar em notícias enquanto outros não. Segundo eles, após a análise da cobertura dos jornais,

há três motivos principais que fazem com que um fato social se transforme em notícia. O primeiro é satisfazer o maior número de fatores² apresentados por eles como definidores de noticiabilidade. O segundo é que cada trecho de uma história selecionada pelo jornalista, para ser transformado em notícia, deve despertar o interesse e acentuar um dos fatores indicados como definidores de noticiabilidade. E o terceiro é que em todas as etapas da produção da notícia é possível encontrar procedimentos de seleção e distorção dos fatos, desde a ocorrência em si até sua difusão e apreensão pelo público.

Peterson (1981), em uma pesquisa com jornalistas norte-americanos, concluiu que os critérios de noticiabilidade dos jornalistas em notícias sobre eventos mundiais são erráticos, dramáticos e simples, principalmente quando se trata de eventos negativos e conflituosos

² Por se tratar de um estudo pioneiro, os fatores apresentados por Galtung e Rugi receberam várias críticas nas últimas décadas. A seguir sumário os fatores: *Frequência*: um evento que acontece com certa frequência tem mais chances de ser apreendido pelos meios de comunicação e com certa regularidade. *Abrangência*: Eventos que alcançam determinado volume social antes de serem acessados pelo jornalista ganham intensidade na percepção das pessoas, transformando-se em notícia. *Não-ambigüidade*: quanto menor a ambigüidade de um evento, mais fácil é para ele se tornar uma notícia. *Fácil sugestibilidade*: as similaridades culturais colaboram para a seleção dos eventos, pois os seletores das notícias têm os mesmos referentes. *Consonância*: o selecionador das notícias pode estar predisposto, por ter formado uma pré-imagem de determinado evento, e essa consonância com as expectativas faz aumentar as chances de ele se transformar em notícia. *Inesperabilidade*: quanto mais inesperado e raro for um evento, maior será a chance de ser selecionado como notícia. *Continuidade*: cada evento recebe a atenção da mídia por determinado período por ser facilmente interpretado. A cobertura contínua também age para justificar a atenção que um evento atrai dos jornalistas. *Composição*: um evento pode se transformar em notícia não por seus valores intrínsecos, mas porque ele consegue se balancear com o resto do noticiário. *Referência à elite nacional*: ações das elites nacionais são vistas com grandes conseqüências para as ações de outras nações. *Referência à elite popular*: as ações da elite popular, aqueles que são comumente chamados de famosos, podem ser vistas pelos selecionadores de notícias como mais conseqüentes para os demais do que a ação de outros pouco conhecidos. *Referência a pessoas*: as notícias têm uma tendência de apresentar eventos como ações de pessoas individuais com mais facilidade do que como resultado de forças sociais. *Referência a algo negativo*: notícias negativas podem ser vistas como não ambíguas e consensuais, geralmente não são esperadas e ocorrem em menores períodos de tempo do que notícias positivas.

entre elites de diferentes nações. Uma crítica comum a esse tipo de afirmação é a de que tanto Galtung e Rugi (1965) quanto Peterson (1981), apesar de chegarem a conclusões distintas, analisaram apenas conteúdos selecionados especificamente sobre crises internacionais. Além disso, Tunstall (1971) destaca que a lista de fatores apresentada por eles não faz referência a elementos visuais, tais como fotos impactantes, que afetam os conteúdos dos textos. Outra crítica, formulada por Stuart Hall (1973), mostra que a lista de fatores de Galtung e Rugi (1965) é capaz de identificar os elementos formais da construção das notícias, mas não explica o papel das forças ideológicas sobre elas, visto que o valor-notícia não é apenas uma estrutura independente de conhecimento, fazendo com que as notícias pareçam o resultado de um conjunto neutro de práticas rotineiras. É preciso considerar que o valor-notícia formal sofre a influência de uma estrutura ideológica como formalizadora e operacionalizadora dos processos de produção das notícias (1973).

Apesar das críticas, vários autores partiram dos mesmos princípios de Galtung e Rugi para avançar suas conclusões. Um deles foi Gans (1980), que ao analisar notícias sobre fatos nacionais, afirma que essas histórias ganham importância para o jornalista quando têm impacto ou interesse nacional ou impacto para um grande número de pessoas, com significância para o passado ou futuro. Da mesma forma, para ganhar interesse junto ao público, as histórias devem tratar de pessoas, ser negativas, apresentarem aspectos de interesse humano, ser curiosas e engraçadas ou apresentarem fatos heróicos. Outro pesquisador, Alastair Hetherington (1985), mostra que os jornalistas dão mais atenção a histórias que são consideradas significantes, dramáticas, surpreendentes, que envolvem personalidades públicas, sexo, escândalo, crime e proximidade com o público. Herbert (2000) completa a lista apresentando outros fatores como proeminência, proximidade temporal, ação, novidade e humor. Até aqui, todos os trabalhos citados consideram como valor-notícia apenas

os critérios identificados na relação entre o fato social e o selecionador dos elementos que serão transformados em notícia.

No entanto, é preciso considerar que, além dos aspectos intrínsecos dos fatos sociais, há uma concorrência entre diferentes veículos de comunicação que buscam selecionar as melhores informações e isso pode interferir na relação entre jornalista e fato social. Bell (1991) alerta para a necessidade de se considerar a concorrência entre os meios jornalísticos para a seleção das histórias, principalmente quanto ao desejo de dar um furo de reportagem. Às vezes, o que deveria ser apenas uma história secundária ganha aspectos de grande notícia por ser tratada com exclusividade, por exemplo. Outro fato que precisa receber atenção é que algumas histórias chegam aos jornalistas já como notícias pré-fabricadas, em forma de *releases* ou como material de agências noticiosas. A facilidade em processar rapidamente o material é outro importante fator para a noticiabilidade de determinada ocorrência social.

● **Entretenimento como critério de noticiabilidade**

Harcup e O'Neill (2001), aplicando inicialmente os fatores de Galtung e Rugi, fizeram a análise de três dos principais jornais diários da Grã-Bretanha durante um mês, sendo um deles tablóide. Dentre os fatores originais, identificaram a presença de principalmente três nas notícias: não-ambigüidade, referência à elite e eventos frequentes. Em um segundo grupo, com menor número de ocorrências, encontram-se referência a fatos negativos, referência a pessoas e fatos com continuidade. Os outros fatores aparecem em número bem menor. Essa pesquisa é importante porque identifica, além dos fatores originais, um novo elemento presente nas notícias, que é chamado de entretenimento. As notícias de entretenimento surgem principalmente a partir da oportunidade de uma imagem chamativa, referência a sexo ou a animais, humor e fatos que acontecem na televisão, envolvendo astros de

novela ou cantores populares. Os resultados da pesquisa de Harcup e O'Neill (2001) indicam que determinadas combinações de valor-notícia resultam em melhores condições para a cobertura da imprensa. Por exemplo, tende a haver uma resistência menor dos editores para histórias que apresentam boas imagens combinadas com referência a celebridade ou a sexo. Isso faz com que algumas histórias transformadas em notícias de destaque possam ser pré-fabricadas e terem baixa relação com a realidade bruta. O trabalho dos autores se contrapõe às análises mais mecânicas de conteúdo dos jornais, por considerar como valor-notícia alguns elementos que podem se sobrepor aos aspectos intrínsecos de determinado fato social.

Em seus resultados, Harcup e O'Neill (2001:279) propõem uma atualização da lista original, de 1963, adaptando-a para a cobertura diária contemporânea a partir de dez fatores. São eles: *Poder da elite*, histórias que tratam do poder de indivíduos, organizações ou instituições sociais; *Celebridade*, histórias que tratam de pessoas que são famosas; *Entretenimento*, histórias que tratam de sexo; *show business*, interesse humano, animais e algum tipo de drama que podem gerar oportunidade para humor fotográfico; *Surpresa*, histórias que têm um elemento de surpresa ou contraste; *Fatos negativos*, histórias com tom particularmente negativo, como um conflito ou tragédia; *Fatos positivos*: histórias com tons particularmente positivos, como resgates bem-sucedidos ou curas; *Magnitude*, histórias que são percebidas como significantes para o número de pessoas envolvidas potencialmente sujeitas ao impacto de determinado evento; *Relevância*, histórias sobre temas, grupos ou nações percebidas como relevantes para o público; *Continuidade*, histórias sobre temas que já fazem parte da cobertura do noticiário e *Agenda jornalística*, histórias que fazem parte da agenda própria das organizações noticiosas.

Os estudos apresentados até aqui tratam da notícia como sendo um objeto de análise único que surge das características de noticiabilidade.

bilidade encontradas no fato social em si ou nos selecionadores. Porém, é preciso considerar que a noticiabilidade também pode depender das circunstâncias e exigências do trabalho jornalístico, assim como a notícia deve ser considerada como composta por duas dimensões complementares: a da informação e a da narrativa. A dimensão informativa de uma notícia é capaz de organizar a realidade, tentando retratá-la o mais fielmente possível, pelo uso da técnica de pirâmide invertida, por exemplo. Já a dimensão da narrativa é entendida como a “forma de se contar determinada história e tende a ser identificada como uma traição aos princípios da objetividade jornalística, embora torne o fato social melhor compreendido pelo público” (Albuquerque, 2000:74).

As respostas às perguntas quem, o que, onde e quando estão relacionadas à dimensão informativa, por serem mais objetivas e pouco suscetíveis a matizes interpretativas; já as respostas ao como e por que fazem parte da dimensão narrativa da notícia por serem capazes de apresentar explicações mais subjetivas dos acontecimentos.

A existência de dimensões complementares na notícia permite classificá-las como *hard* ou *soft news*. As primeiras são mais objetivas e ancoradas no fato social, sem grandes liberdades para o jornalista. Nelas predomina a dimensão da informação. As segundas são identificadas como notícias de interesse humano, em que os atributos são relativos, pois há uma interferência maior do jornalista na seleção e tratamento dos fatos, predominando a dimensão da narrativa. Segundo Albuquerque (2000), como esse tipo de construção consegue se aproximar mais do cotidiano do público, tem melhores condições para dar respostas plausíveis a questões difíceis. Portanto, para melhor entender as diferenças entre os tipos de notícias é preciso considerar que o texto jornalístico também é uma forma de narrativa. Entre os autores é quase consenso que a narrativa, como o mito, não retrata os fatos como eles são, mas o seu significado. Sendo assim, a livre interpretação do jornalista na di-

menção da narrativa pode transformar o fato bruto em um vago referente, fazendo com que o valor-notícia deixe de depender apenas dos atributos intrínsecos do fato, mas das decisões arbitrárias do jornalista.

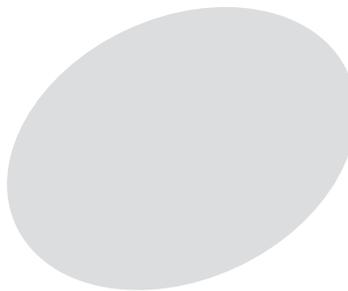
Para Albuquerque (2000), a aceitação de uma dimensão narrativa da notícia não significa desconsiderar o ideal da objetividade³, mas o fato de que essa dimensão ajuda a conformar determinada interpretação da realidade, embora seja influenciada por posições políticas, dependência econômica ou do Estado, geradas até mesmo pela ausência de movimentos sociais que se contraponham aos poderes constituídos (Albuquerque, 2000:76). Com isso, temos que a autonomia interpretativa do jornalista não é total, mas depende de um conjunto de variáveis externas ao próprio jornalismo. Essas influências externas à atuação do jornalista permitem o estabelecimento de três tipos ideais de comportamento da imprensa. O primeiro é chamado por Albuquerque (2000) de *independente*, em que existe alto nível de autonomia dos jornalistas em relação ao Estado, podendo inclusive criticar os governantes livremente; o segundo é chamado de *oficialista*, muito dependente das relações econômicas diretas com o Estado, servindo para atender aos interesses deste, com baixa capacidade crítica; o terceiro é chamado de *partidário*, em que, apesar de não apresentar dependência econômica do Estado, existe uma vinculação ideológica com segmentos da elite política, muitas vezes com partidos políticos, reduzindo sua autonomia em relação aos interesses da elite, mas ficando livre para criticar o Estado (2000). O caso brasileiro não é tão autônomo, nem tão submisso ao Estado e também não pode ser considerado como porta-voz da elite partidária. Portanto, a visão dos fatos brutos transmitidos pelos meios de comunicação brasileiros (na dimensão narra-

³ A principal função da objetividade apontada por Albuquerque e outros autores está na afirmação do papel do jornalista como um intérprete especializado da realidade, apresentando elementos que fazem a diferenciação profissional, como o uso da pirâmide invertida, narrativa em terceira pessoa, divisão entre notícia e opinião e redução do uso de adjetivos, entre outros.

tiva) tenderá a ser diferente de outros sistemas, embora a realidade de onde são retiradas as informações possa ser a mesma.

Os argumentos apresentados até aqui apontam para a existência de um referente real às notícias, visto que mesmo os eventos sociais construídos pelo homem têm sua origem em fatos brutos. Com base nisso, as análises passaram a identificar os elementos intrínsecos dos fatos sociais que permitem a eles serem transformados em notícias. No entanto, é preciso considerar que a dimensão informativa não é a única da notícia. Há também uma dimensão narrativa que distorce o fato social em favor de uma visão que, supostamente, auxiliará o público a compreender a realidade na qual está inserido. É preciso considerar ainda que, além das arbitrariedades interpretativas do jornalista, identificadas como a dimensão narrativa da notícia, mudanças nas tecnologias disponíveis para a produção jornalística podem alterar conteúdo e formato das notícias.

A inclusão de novas tecnologias no processo produtivo das notícias abre espaço para uma série de fatos sociais que antes não faziam parte do noticiário por restrições técnicas, principalmente no que diz respeito à captação de informações durante os acontecimentos. Cada vez mais repórteres podem cobrir qualquer evento em qualquer lugar do mundo, sem a influência de filtros das fontes oficiais. No entanto, é preciso considerar que as novas tecnologias abrem possibilidades aos jornalistas, mas sozinhas não são suficientes para garantir uma maior pluralidade de pautas ou de aspectos dos acontecimentos sociais. Em uma análise sobre a influência das novas tecnologias na qualidade do noticiário, Levingston e Bennett (2003) afirmam que as novas “ferramentas” – por exemplo, o uso de helicópteros em telejornais – podem ser destinadas à cobertura mais detalhada de fatos que já recebem a atenção da imprensa, sem ampliar a variedade de temas tratados pelo telejornal. Os autores mostram que a maior potencialidade não está no trabalho realizado formalmente pelos jornalistas, mas



Boorstin chama notícias previstas e controladas institucionalmente de pseudo-eventos, com pouca ou nenhuma espontaneidade no acontecimento

na ampliação de fontes testemunhais sobre fatos sociais que apresentam atributos de noticiabilidade, mas que nem sempre são captados a tempo pelas equipes de reportagens. É o caso de um flagrante de excessos policiais em periferias de grandes cidades ou a prática do tráfico de drogas em zonas densamente populosas, gravadas por um cinegrafista amador. Com as novas tecnologias, surgem o que Levingston e Bennett (2003) chamam de *event-driven news*, como resultado da cobertura de atividades que são desde o início ocorrências espontâneas, não controladas ou filtradas por fontes oficiais e não fazem parte da agenda institucionalizada. Isso não exclui a possibilidade de que jornalistas usem as novas tecnologias para cobrir escândalos ao vivo, dramatizando-os e até mesmo fazendo eventos produzidos institucionalmente parecerem inesperados.

A respeito de fatos institucionalizados, Boorstin (1977) chama notícias previstas e controladas institucionalmente de pseudo-eventos, em que há pouca ou nenhuma espontaneidade no acontecimento, pois pelo menos parte dele foi planejada ou estimulada com a finalidade de se transformar em notícia. Os pseudo-eventos têm uma qualidade muito importante para os jornalistas que é a possibilidade de antecipação e coordenação do evento. As fontes oficiais são consideradas pelos jornalistas como fornecedoras de material noticioso contínuo. É por isso que, entre outros motivos, as fontes oficiais conseguem tornar dominantes suas versões a respeito de determinados temas no debate público. Também é preciso considerar que a relação entre jornalistas e fontes oficiais não pode ser considerada como determinista

em função das rotinas produtivas, pois a capacidade de intervenção das fontes oficiais é muito reduzida na produção de notícias frias ou sobre escândalos envolvendo personalidades públicas. Nesses casos, há um controle efetivo dos jornalistas durante o processo. Já notícias sobre fatos que ocorrem com frequência ligados ao cotidiano da política, da economia e dos esportes são “controladas” por fontes oficiais. Nesses casos, as novas tecnologias não alteram as rotinas produtivas, mas ajudam a encurtar caminhos, fazendo com que as notícias sejam produzidas em menor espaço de tempo a partir das mesmas fontes oficiais.

A qualidade do que é produzido nos noticiários depende também do tipo de consumo e da avaliação que o público faz das notícias



Além dos pseudo-eventos, há também o que Boorstin (1977) chama de eventos espontâneos, em que as imagens têm muita força para direcionar a atenção a determinada questão não controlada institucionalmente. Essas notícias são tratadas, na maioria das vezes, como histórias marcantes de apelo humano.

Pensando além das capacidades e interesses pessoais apenas, Bennett (2003) organiza os fatores de seleção dos fatos sociais para serem transformados em notícias em quatro grandes grupos de fonte de julgamento: as de critérios profissionais do jornalista; as de rotinas organizacionais de captação das informações; as por estrangimentos econômicos e aquelas que partem da disponibilidade de novas tecnologias de comunicação. As notícias cujo julgamento é dirigido por interesses econômicos dão mais ênfase ao imediatismo e ao drama, deixando em segundo plano os valores tradicionais do jornalismo. O modelo

de seleção dirigido pelas novas tecnologias faz com que muitas delas apresentem apenas histórias para entreter o público com escândalos, violência, sexo e crimes, com baixo conteúdo crítico. O desenvolvimento tecnológico pode ainda estimular jornalistas a ficarem no nível mais superficial dos escândalos, transformando-o em uma espécie de testemunha ocular dos fatos mais próximos, transmitidos no exato momento em que ocorrem (Levingston e Bennett, 2003:371). Esse mesmo padrão superficial pode ser identificado nas coberturas de crises internacionais, em que as promessas das novas tecnologias não se cumpriram. Cada vez mais jornalistas descrevem rotineiramente as mesmas cenas de guerras, ataques terroristas e crises humanitárias com relativa liberdade dos constrangimentos formais das instituições, mas sem aprofundar ou diversificar as abordagens das coberturas.

As discussões sobre noticiabilidade e padrões de qualidade das notícias a partir da visão de quem produz, das características intrínsecas que os fatos sociais precisam possuir para serem selecionados, dos estrangimentos organizacionais, tecnológicos e econômicos que interferem no processo produtivo buscam explicar apenas uma etapa do processo de produção das notícias. De maneira geral, o tratamento sobre padrões de qualidade da notícia é incompleto por considerar apenas os aspectos envolvidos na produção da notícia. A qualidade do que é produzido nos noticiários depende também do tipo de consumo e da avaliação que o público faz das notícias. A etapa do consumo e suas particularidades tendem a ser sistematicamente deixadas em segundo plano. A seguir, apresento resultados de alguns trabalhos que são exceção a esta regra geral por defenderem a necessidade de se considerar características de consumo e interesses do público na definição de padrões de qualidade da notícia.

● Padrão de notícias e público

A seu modo, John Zaller (2003), quando trata do tema padrão de qualidade das notícias, relaciona forma de produção com tec-

nologias disponíveis e interesses do público. Para ele, as demandas de leitores, ouvintes ou telespectadores poderiam explicar por que muitas notícias estão deixando de apresentar as características desejadas tecnicamente pelos jornalistas para se aproximarem do entretenimento. Citando Thomas Patterson, que, ao considerar as diferenças entre *hard news* e *soft news*, afirma que as últimas enfraquecem os fundamentos da sociedade democrática, diminuindo os níveis de informação do público sobre temas de interesse coletivo, o problema é que, sem perguntar ao público qual é o melhor padrão de notícias, fica impossível chegar a uma resposta válida (Zaller, 2003:110). Não se pode negar que do ponto de vista normativo, o desejável quanto ao conteúdo do noticiário seriam as *full news*, ou seja, notícias completas que forneçam ao público todas as informações disponíveis necessárias para a formação e atualização de opiniões sobre os principais assuntos. Isso não significa que as notícias devam tratar de tudo, o que seria impossível, mas apresentarem um nível de detalhamento que amplie efetivamente a capacidade de compreensão dos temas públicos para um cidadão informado⁴. O problema nessa definição é que ela parte do princípio, equivocadamente, segundo Zaller (2003), de que o público possui demandas contínuas por informações completas e atualizadas sobre temas de interesse comum, inclusive a respeito das performances de personalidades públicas. Devemos considerar que o público pode destinar suas energias principalmente para tratar de questões de ordem pessoal e, apenas com as “sobras” de atenção, destinar algum tempo aos temas coletivos. Nesse caso, o padrão de *full news* não atenderia às demandas.

O autor define esse tipo de notícias como *alarm news* (Zaller, 2003), partindo do princípio de que o noticiário deve fornecer as informações da mesma forma que um alarme

contra arrombamentos chama a atenção das pessoas ao ser disparado. Em vez de o público ter de fazer constantes “patrulhas” em todos os temas para descobrir onde estão os “ladrões” (aquilo a que se deve dar atenção), dirige-se rapidamente para o local em que o alarme disparou, pois é ali que se encontram os temas que devem despertar interesse mais imediato. Essa é uma estratégia economicista do público, no sentido dado ao termo por Anthony Downs, na busca de informações para formar conhecimento sobre o mundo mais imediato que o circula. Permite considerar também o atendimento às demandas de parcelas do público que se interessam principalmente por aspectos de entretenimento dos noticiários.

A estratégia economicista no consumo de informações não significa uma opção pela não-participação ou falta de interesse pelos temas públicos, mas a seleção do volume e da qualidade de notícias que o público considera suficientes para a tomada de decisões. Nessas condições, Zaller (2003) apresenta três elementos fundamentais que devem ser considerados para a identificação da qualidade das notícias. A primeira é a oferta de informações necessárias para a tomada de decisão, não necessariamente todas as informações disponíveis. A segunda é a viabilidade para a difusão de informações, pois não se pode oferecer em uma notícia mais do que o público quer ou tem condições de conhecer. A viabilidade depende de condições sociais externas ao jornalismo, pois em sociedades mais educadas e com maior nível de interesse pelos temas públicos, a qualidade das notícias tende a crescer. A terceira característica é a presença de algum potencial crítico, pois ainda que se reconheçam as limitações do que pode ser produzido em determinado período, um nível razoável de qualidade tem de ultrapassar a simples oferta de informações sobre a realidade, apontando para possíveis avanços (Zaller, 2003:112).

De maneira complementar, Bennett (2003) lembra que a matéria-prima ofertada atualmente em notícias superficiais e factuais reduz as possibilidades de formação de um cidadão democrático com opiniões forma-

⁴ O conceito de *full news* normalmente é usado em críticas ao trabalho jornalístico fragmentado e superficial, baseado em declarações de personalidades, com baixa capacidade explicativa e no qual predominam o drama e os estereótipos.

das sobre todos os temas importantes. No entanto, também faz com que o público forme suas opiniões independente da influência dos noticiários e das imagens de representantes públicos, reduzindo os vínculos partidários e aumentando a volatilidade de opiniões a respeito de temas públicos. Uma das conclusões a que chega Michael Schudson em seu texto “Good Citizen” (1998) é a de que o conceito prescritivo do cidadão idealmente informado pelas notícias precisa ser repensado, pois ele está baseado no fato de que o cidadão é suficientemente informado pelos meios de comunicação, o que gera um excesso de expectativa a respeito do nível de interesse do público sobre temas apresentados e em relação à capacidade das notícias de retratar os assuntos de maneira aprofundada. Na prática, esse cidadão é irreal.

A proposta de Schudson (1998) é substituir a idéia de um cidadão totalmente informado pela de um cidadão-monitor, que não busca informações sobre todos os temas de interesse público, mas acessa informações disponíveis sobre os eventos que ele considera mais importantes e que, portanto, demandam respostas. Não se trata de um público apático ou não participativo, ao contrário, ele está sempre atento e disposto a receber informações, porém, de maneira seletiva, e que no processo de seleção racionalmente motivado não se justifica a busca por informações sobre todos os eventos. Esse público economicista *downsiano* não se esforça muito para analisar os temas, mas constrói um conjunto de informações do noticiário, normalmente originadas por fontes oficiais, para atender a seus próprios interesses com a obtenção de respostas satisfatórias e rápidas. Além disso, estudos de recepção têm demonstrado que o cidadão recorre a amigos, colegas de trabalho, familiares e outras fontes de grupos primários e secundários para obter respostas com menores custos de tempo e atenção. Esse tipo de comportamento do público é fundamental para o conceito de *alarm news*, pois os jornalistas têm seu trabalho constrangido pelo que o público considera ser importante saber

sobre alguns temas, sem poder dar atenção a outras questões potencialmente importantes para o debate público.

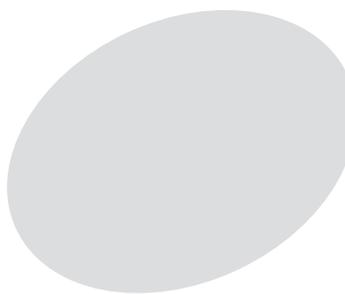
Para Zaller (2003), o padrão atual de qualidade das notícias, considerando as condições impostas pelas demandas do público, passa pelo fato de que os jornalistas tratam rotineiramente temas não emergenciais, dando destaque àquilo que tem maior intensidade dramática ou de entretenimento. Dessa forma, os repórteres podem fazer simulações dramáticas para chamar a atenção do público, ainda que o fato real não contemple grandes cargas de dramaticidade. Se considerarmos não apenas as condições para produção das notícias, mas também as demandas do público, podemos perceber que o padrão de qualidade do noticiário passa pelo formato de *alarm news*, pois ao conseguir chamar a atenção do público para determinado tema que requer respostas urgentes, consegue despertar algum interesse no cidadão-monitor, não ausente do debate público, mas que prefere se comportar de maneira economicista no que diz respeito às novas informações e na formação de opiniões sobre temas de interesse coletivo.

No mesmo sentido, em uma contundente crítica aos estudos sobre produção de notícias sem considerar o público, Nina Eliasoph (2004) parte da seguinte pergunta: podemos teorizar a imprensa sem teorizar o público? Como resposta, ela diz que não é possível analisar os meios de comunicação em diferentes contextos sem considerar as particularidades de cada conformação institucional. As análises institucionais tendem a ser o ponto central das pesquisas em comunicação, que de maneira geral consideram as estruturas das instituições como o mercado, o Estado e outras que são solidamente marcadas na sociedade para explicar os processos de produção das notícias. Na maioria das vezes, o público é considerado uma instituição, porém, não se aprofunda a discussão sobre padrões sociais de expressão e diálogo público que ajudam a conformar essa instituição social, como acontece com outras instituições. A questão, para Eliasoph (2004), é que padrões de sociabilidade pública geram

condições para o surgimento de comportamentos institucionais próprios.

Sob esse ponto de vista, analisar as estruturas de produção das notícias sem considerar a interação cotidiana do público seria o mesmo que afirmar que os meios de comunicação podem influenciar as conversas cotidianas, porém, não o contrário. O que seria um despropósito, principalmente a partir dos resultados de estudos de recepção que mostram que os consumidores das notícias têm influência sobre os processos de produção. A questão é saber a quem agrada que tipo de cobertura jornalística e para responder a essa pergunta é preciso entender a estrutura dos meios de comunicação e como os receptores das notícias acessam algumas informações em vez de outras, entendendo padrões de interação entre eles, pois além de inspirar diálogos, a imprensa cristaliza conversações, criando gostos e necessidades. Assim como as instituições sociais ajudam a conformar as conversações públicas e a identificação do mundo mais próximo dos indivíduos, há também uma constante readequação das instituições, pois elas estão em contínua competição para influenciar os cidadãos. As mudanças do papel institucional e dos limites entre as instituições não podem ser identificadas automaticamente ou inferidas a partir do desempenho de apenas uma delas, a jornalística, por exemplo.

Como essa discussão parte da identificação de padrões de interação pública que ajudam a criar instituições, os pesquisadores devem explicar como segmentos do público podem se reunir em novas instituições, ou, como a partir da atenção dada pelo público a antigas instituições, serão projetados apoios para a manutenção ou substituição delas. É nesse sentido que as pesquisas em comunicação precisam dar mais atenção aos métodos oferecidos pela sociologia para identificar instituições como mercado, política, Estado ou instituições cívicas não como o objetivo final, mas como o início da trama (Eliasoph, 2004:300). Qualquer estudo sobre a qualidade das notícias precisa levar em consideração, em primeiro lugar, o público, e em seguida que



Se o público não está disposto a aprofundar conhecimentos sobre os assuntos importantes, o padrão desejável de notícias será o de alarm news

este público é formado por pessoas reais que aprendem a interagir socialmente, criando padrões de relação pública e refletindo como se dão os processos de auto-identificação do mundo em que vivem.

● Apontamentos finais

O texto tratou de diferentes abordagens sobre processos de produção da notícia e, por conseqüência, sobre padrões de qualidade do noticiário. Como se percebe, em todo o mundo e não apenas no Brasil, as pesquisas sobre os processos de produção, sejam as que consideram as condições de produção da notícia, sejam as que buscam explicações nas características intrínsecas dos fatos, estão bastante avançadas, inclusive com trabalhos empíricos muito refinados. No entanto, análises que levam em conta a participação do público como agente ativo no processo de definição dos padrões de qualidade da notícia ainda são poucas. Da distância entre elas depreendem-se dois elementos. O primeiro é a resistência dos pesquisadores em jornalismo incorporarem as categorias analíticas sociológicas que poderiam ajudar a entender tanto os processos produtivos quanto os efeitos das notícias na sociedade. O segundo é a persistência dos comunicólogos em tentar explicar os processos comunicativos – entre eles aqueles que se dão pela difusão de notícias, como um sistema “fechado”, com respostas a partir de si mesmo – e desconsideram que a comunicação faz parte do cimento mais profundo da organização humana nas sociedades complexas.

Para Gauthier (2005), a função do jornalismo é tornar público o mundo acessível, ou

seja, por intermédio das notícias o público passa a ter condições de compreender um fato social de maneira mais fácil. A interferência do fato bruto e da realidade construída acontece durante todo o processo de produção da notícia, pois ela depende de uma constante negociação a partir da interação com a realidade. Considerando que as notícias ajudam a conformar a realidade, o resultado desse processo está diretamente relacionado com as constantes trocas entre as demandas e possibilidades interpretativas do público. As características narrativas da notícia dependem do nível de disponibilidade dos receptores dessas mensagens, pois quanto melhores as condições de interpretação das mensagens, mais informativas e menos sensacionalistas elas

deverão ser para alcançar o padrão de qualidade desejado. Já as notícias com informações superficiais, sensacionalistas e com baixa aptidão crítica se aproximam dos padrões de demanda por públicos com outras características, que não podem ser desconsideradas. Essa relação tende a não aparecer nos estudos sobre noticiabilidade e padrões de qualidade das notícias. Se o público não está disposto a aprofundar conhecimentos sobre todos os assuntos importantes – segundo algum critério –, o padrão desejável de notícias será o de *alarm news*, que aponta para os temas mais urgentes à atenção de receptores economicistas. Com isso, o resultado é uma cobertura fragmentada e superficial, mas não necessariamente sem qualidade.

Referências

- ALBUQUERQUE, Afonso de. "Narrativa jornalística além dos *fait-divers*". *Revista Lumina*, Facom/UFRJ, v. 3, n. 2, jul./dez. 2000, pp. 69-91.
- BELL, Allan. *The language of news media*. Oxford: Blackwell, 1991.
- BENNETT W. L. *News: the politics of illusion*. Nova York: Longman, 2003.
- BERGER, Christa. "A pesquisa em comunicação na América Latina". In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C. e FRANÇA, V. V. (orgs). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOORSTIN, D. J. *The image: a guide of pseudo-events in America*. Nova York: Atheneum, 1977.
- DOWNS, Anthony. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ELIASOPH, Nina. "Can we theorize the press without theorizing the public?". *Political Communication Review*, n. 21, 2004, pp. 297-303.
- GALTUNG, J. e RUGI, M. "The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers". *Journal of International Peace Research*, n. 1, 1965, pp. 64-91.
- GANS, Herbert J. *Deciding what's news*. Londres: Constable, 1980.
- GAUTHIER, Gilles. "A realist point of view on news journalism". *Journalism Studies Review*, v. 6, n. 1, 2005, pp. 51-60.
- HALL, Stuart. "The determinations of news photographs". In: COHEN, S. e YOUNG, J. (org.). *The manufacture of news*. Londres: Constable, 1973.
- HARCUP, Tony e O'NEILL, Deirdre. "What is news? Galtung and Rugi revisited". *Journalism Studies Review*, v. 2, n. 2, 2001, pp. 261-280.
- HERBERT, John. *Journalism in the digital age*. Oxford: Focal Press, 2000.
- HETHERINGTON, Alastair. *News, newspaper and television*. Londres: Macmillan, 1985.
- LEVINGSTON, Steven e BENNETT, Lance W. "Gatekeeping, indexing and live-event news: is technology altering the construction of news?". *Political Communication Review*, n. 20, 2003, pp. 363-380.
- MOTTA, Luiz G. "Journalism research in Brazil: conflicting paradigms". In: LOPES, M. V. (org.). *Brazilian research in communication*. São Paulo: Intercom, 2005.
- NOVAK, Michael. *The experience of nothingness*. Nova York: Harper & Row, 1970.
- PETERSON, Sophia. "International news selection by the elite press: a case study". *Public Opinion Quartel*, 1981, pp. 143-163.
- SCHUDSON, Michael. *The good citizen*. Nova York: Free Press, 1998.
- SILVA, Gislene. "Horizontes da pesquisa sobre jornalismo (Brasil)". In: SOUZA, Jorge P. e PINTO, Ricardo Jorge (org.). *Jornadas Internacionais de Jornalismo*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.
- SOUZA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chacó: Argos, 2002.
- TUNSTALL, Jeremy. *Journalists at work*. Londres: Constable, 1971.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ZALLER, John. "A new standard of news quality: burglar alarms for the monitoral citizen". *Political Communication Review*, n. 20, 2003, pp. 109-130.